

DISCURSO DE FERNANDO TADEU DE MIRANDA BORGES NO LANÇAMENTO DO LIVRO TEMPOS IDOS, TEMPOS VIVIDOS, DE AUTORIA DO CORONEL OCTAYDE JORGE DA SILVA

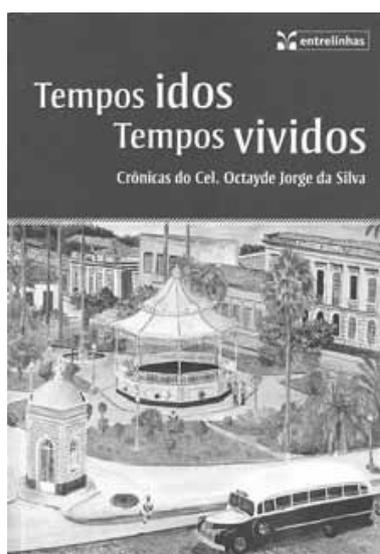
(Cuiabá / SESC-Arsenal 11/10/2013)

SPEECH BY FERNANDO TADEU DE MIRANDA BORGES BOOK LAUNCH TIMES GONE, TIME EXPERIENCED, AUTHORIZING DO OCTAYDE COLONEL JORGE DA SILVA

(Cuiabá / SESC-Arsenal 11/10/2013)

Fernando Tadeu de Miranda Borges¹

CONVITE PARA O LANÇAMENTO DO LIVRO TEMPOS IDOS TEMPOS VIVIDOS



Arte Entrelinhas Editora. Fonte: Pintura Marcelo Velasco.
Acervo da Família do Cel. Octayde Jorge da Silva

¹ Docente da Faculdade de Economia e dos Programas de Pós-Graduação em História e em Agronegócios e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e da Academia Mato-Grossense de Letras (AML). E-mail: ferbormi@uol.com.br

Nas crônicas, louvava sempre a Cuiabá dos tempos idos e vividos. Tinha uma memória que chegava a impressionar, expressa na sensibilidade do dia-a-dia. Os juízos de valores registrados na escrita realizada deram lugar à busca incessante pela manutenção da tradição, talvez como forma de luta com vistas à preservação da identidade cuiabana. Tocava piano, gostava de carnaval e da vida. Esquecimento sempre lhe pareceu algo pecaminoso, pois, como pude constatar, guardava as datas, os acontecimentos, as paisagens e os sons. Coronel Octayde Jorge da Silva assistiu, da sua rede e cadeira de balanço – camarotes cuiabanos – aos acontecimentos mundiais da época em que viveu. Ao cultivar a memória, abordou o tempo na história, de forma fracionada e ampliada.

Mentor intelectual da minha geração, Coronel Octayde Jorge da Silva, quando chefe de ensino, vice-diretor e diretor (interino) da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, realizou um marcante trabalho pela educação no território mato-grossense. Acreditava na construção de um país melhor, mais humano, solidário e cidadão. Admirava pessoas esforçadas e possuidoras de algum ideal de conquista, e creio que por isso ajudava a quem o procurava, sem medir esforços para que os sonhos sonhados pudessem um dia vir a serem concretizados. Formou uma rede de pessoas conectadas com o mundo, muito antes da rede do computador. Foi um grande cuiabano e excelente pai de família, no sentido estrito dos termos. Além de filho atencioso, cuidava da mãe com carinho, e, de marido dedicado, zelou dos quatro filhos e dos netos, com afeição.

Coronel Octayde Jorge da Silva escrevia crônicas para os jornais “*O Estado de Mato Grosso*” e “*Diário de Cuiabá*”, e no papel de animador cultural da cidade e do Estado abordou temas palpitantes referentes ao passado, às transformações vividas, ao progresso e ao cotidiano citadino. No Jornal “*Diário de Cuiabá*” participou do saudoso “*Cantinho Cuiabano*”. Aos domingos tínhamos um compromisso: ler as crônicas do Coronel Octayde Jorge da Silva. Após as leituras, sempre o gosto de quero um pouquinho mais, e em seguida vinha a segunda-feira, com todas as feiras restantes, para depois descansar num outro próximo domingo, quando uma nova crônica brindava-nos com um novo término da semana.

A minha convivência com o Coronel Octayde Jorge da Silva começou nos idos dos anos , na Escola Técnica Federal de Mato Grosso (ETFMT), quando nesse colégio ingressei para fazer o Ginásio Industrial, tendo aprendido o ofício de sapateiro, de tipógrafo e de ceramista, no curso de Artes Industriais. Era interessante a proximidade

estabelecida entre trabalho intelectual e trabalho manual na ETFMT. Talvez por isso valorize todo tipo de trabalho, e tenha disposição para enfrentar os mais variados desafios.

Como amigo da família, tive o prazer de desfrutar da vida privada de Coronel Octayde Jorge da Silva. Gostava de dormir em rede, acordava cedo, tomava guaraná de ralar, comia de tudo, fazia exercícios físicos, nadava, molhava plantas, cuidava do cachorro, lavava o carro, lia jornal, ajudava a lavar a louça do almoço e do jantar, nas ocasiões necessárias, e participava, ainda que de longe, dos campeonatos de pingue-pongue, de vôlei, de basquete, e, de perto, das orientações escolares, das festas de São João, dos aniversários e da feitura de um lindo e original presépio com pitombas, na sala da biblioteca, próximo do piano.

O presépio, hoje, na minha concepção, era a forma que o Coronel Octayde Jorge da Silva encontrou de manter vivo nas pessoas, a partir do cristianismo, o cultivo da família. Em Cuiabá, acreditava-se que quem fizesse num ano presépio, deveria manter a tradição por toda a vida. Percorrer os presépios era considerado o evento do mês de dezembro. Presépios do Porto e Presépios da “Cidade” (Centro).

Cuiabá tem algo de lugar eterno, que não pode desaparecer, sob pena de perder o encanto dos sentidos, aparentemente sem sentidos. Uma cidade realmente encantada? Uma cidade realmente encantada que desencantou, mas que ainda encanta, apesar do desencanto. Logo, um desencanto encantado em meio a mitos e lendas.

Coronel Octayde Jorge da Silva acreditava no liberalismo econômico do *laissez-faire*, *laissez-passer*, pregado por aquele que foi considerado o criador do Estudo da Economia, Adam Smith, autor do livro “*Riqueza das Nações*”, publicado em 1776, e talvez por isso estimulasse tanto a competição, premiando os estudantes que conseguissem o melhor coeficiente durante o ano letivo, com medalhas, prêmios etc. As condecorações eram entregues no Dia das Mães, em evento festivo, com escola e comunidade reunidas para aplaudir os agraciados.

Além de tudo isso, acreditava, o Coronel Octayde Jorge da Silva, na manutenção da disciplina como forma de conquista da produção acadêmica, ou seja, do trabalho sério e bem elaborado, com vistas ao alcance de resultados. Nutria nas pessoas o desejo da leitura, do ousar, de ir ao encontro do desconhecido, da insatisfação diante do comodismo, do ser útil, de ajudar ao próximo. Defendia a boa oratória em público, a formação proativa e dedicava todas as segundas-feiras, na ETFMT, ao canto do Hino Nacional Brasileiro.

Morador da rua Barão de Melgaço, que numa das crônicas chamou de Wall Street cuiabana, bem de frente à casa do saudoso Rubens de Mendonça, o Coronel Octayde Jorge da Silva gostava de sentar-se debaixo das mangueiras e do tamarineiro, para ler alguma obra de literatura. Parecia ter um mundo à parte, distante das pessoas de carne e osso, contudo, apenas na aparência, porque, na verdade, estava ligado a tudo que girava ao seu redor.

Filho de Octário Cassiano da Silva e Alayde Jorge da Silva, o Coronel Octayde Jorge da Silva casou-se com Lília Cuiabano Lino da Silva, com quem teve quatro filhos: Clara Maria Lino Jorge da Silva (Clarita), Edson Luís Lino Jorge da Silva (Edson Luís), Ana Luísa Lino Jorge da Silva (Quita) e Lúcia Maria Lino Jorge da Silva (Téte). Clarita casou-se com Marcelo Augusto Portocarrero, com quem tem dois filhos, Bruno Afonso Portocarrero e Tiago Augusto Portocarrero. Quita casou-se com Roberto Cardoso Machado, com quem tem um casal de filhos, Ana Carolina Cardoso e Roberto Cardoso Machado Filho. E Edson Luís casou-se com Rita de Cássia Vasco de Toledo Silva.

Coronel Octayde Jorge da Silva nasceu no dia 3 de fevereiro de 1926 e faleceu no dia 18 de janeiro de 1991, deixando para as gerações futuras, de presente, um pouco da Cuiabá de sua época, em crônicas e publicações.

Em 2005 fui convidado pela família do Coronel Octayde Jorge da Silva para organizar um livro que trouxesse algumas de suas crônicas, selecionadas pelos seus familiares mais próximos. Muito honrado pelo convite, o trabalho teve início numa bonita e radiante tarde de domingo, regada a bolos e doces cuiabanos, com a presença dos familiares e de duas convidadas minhas: Prof^a. Dr^a. Nanci Leonzo (professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em História da FFLCH-USP) e a advogada Leila Francisca de Souza. Comecei a organização do livro separando as crônicas por ano. Terminada a etapa da separação do material, sugeri que fossem incluídos, na publicação, depoimentos de pessoas da convivência do Coronel Octayde Jorge da Silva, no que fui acatado, e tudo providenciado pela família, com esmero e dedicação. Um ano de trabalho na organização do material acabou sendo despendido. As fotografias, escolhidas por todos, numa tarde inteira de pesquisa, são do acervo fotográfico privado da família. O título da publicação passou pela votação dos familiares, devido aos muitos outros nomes sugeridos para apreciação. Foram horas de leitura e visita ao Arquivo Público de Mato Grosso para algumas conferências. A digitação coube aos competentes Hélio Arruda de

Jesus (*in memoriam*) e Victor Hugo Pacheco de Jesus. E foi assim que nasceu o livro: *Tempos idos. Tempos vividos: Crônicas do Cel. Octayde Jorge da Silva*.



Coronel Octayde Jorge da Silva. Acervo da Família.

OCTAYDE JORGE DA SILVA

Não aprecio os monossílabos. Meu relacionamento com eles não é bom. Ou melhor, eles não me deixam à vontade. São do tipo extrafamiliar.

*Explico-me. Acho o **SIM**, presunçoso. A mim, o **SIM** cheira a falsidade; tem ar de suspeita e petulância. Sempre o **SIM** me pareceu “talvez”. O **NÃO** é aterrador, como já dissera o poeta. Sepulta as esperanças. O **BEM** sempre esteve acima de minhas posses entendê-lo. Parece-me mais feito para ser vendido do que para ser apreciado. E o **MAL**? Este... anda criando um artesanato moderno, onde violência, sequestro e outros mais, são seus artigos para exposição e comércio. A **FÉ**, esta sempre me pareceu duvidosa. Superficialmente bela, a disfarçar uma “multinacional” de interesses e contradições.*

*A **DOR** está sempre a inspirar-me medo. A cadeira do dentista e os bisturis sempre fora para mim instrumentos de tortura. Isto, sem contar os aviões... O **PÃO**, esse mesmo, “o pão nosso de cada dia”, sempre me trouxe preocupação: a de tê-lo hoje e arranjá-lo amanhã. Ele conforta e preocupa ao mesmo tempo.*

*O **MAS**, é o “porém” de todas as vidas. Quando tudo vai bem, aparece sempre um **MAS**, que entristece, desilude... e muda o colorido róseo, afogueado da euforia da surpresa, que começa agradando, para depois, com a advertência que o **MAS** propõe, deixar, a todos, amargurados, amarelos.*

*E por falar em róseo e no amarelo, a **COR** também é um monossilábico. Nas suas nuances de luz e de sentidos, a **COR** traz fantasias, ilusões: diz*

que o verde é a esperança; o azul, serenidade; o branco, pureza; o vermelho, agitação, o roxo, paixão; o amarelo, desespero... Conversa!... **COR** é moda. E se vai bem com as pessoas, vai também com a época.

O **GOL** era alegria. Hoje é violência. Antes, era recebido com aplausos. Hoje, com gritos, vaias, assobios, pontapés, até homicídios!... A **LEI**, ora a **LEI**, causa mais medo que alvíssaras, o seu aparecimento. Nunca está presente, quando se precisa da sua proteção. Tem-se de procurá-la a duras penas. Mas aparece hostil e inopinadamente, quando vem submeter alguém ao seu jugo.

Até o **SOL**, que era um monossílabo a derramar luz e vida, por onde passava... anda sumido, nervoso, sem equilíbrio, meio desmoralizado... E agora dizem que vai esquentar a terra, crescer os mares. E o **MAR** uma imensidão geográfica, que separa os homens e os torna solitários.

O **SÓ**, a solidão, o desamor, o desafeto. O **AR**, quando falta, asfixia, mata. E anda tão poluído.

O **FIM** põe termo a qualquer aspiração.

E a **PAZ**? Começa que ela é uma decorrência. Ela não gera. É gerada. Não é causa. É consequência. À **PAZ**, aspira-se quando se está em guerra. Mas, quando se está em paz, ninguém dela se dá conta. Passa despercebida e, às vezes, é até insultada, pois, de quando em vez, ouve-se um mal-intencionado, a confundir paz com indolência.

Eu chego até a suspeitar de que a paz é passiva, estática, inoperante e monótona. Quem dinamiza, tumultua... quem cria, inova, inventa... quem produz e acelera o progresso é a guerra! Ou o medo dela!... Ou será a paz, uma necessidade espiritual, em face do medo, psicose, da síndrome da guerra?

Durante a paz, os sentimentos se esgarçam, o instinto se alarga, a solidariedade se deliqua, o afeto perde força, a fibra moral amolece. Na guerra, não. Os homens se enternecem na brutalidade dos atos, e se abraçam no vandalismo dos gestos. Mas, enrijam-se. Há fibra... Todos encontram, na procura da sobrevivência de cada um, a solidariedade, já que o medo reúne a todos, a coragem é inspirada pela causa, a força, trazida pelas mensagens, o mérito se engrandece e a dignidade passa a ser companheira e musa.

A **PAZ** é, a meu ver, mais um dos monossilábicos ternos, fruto da ilusão. E só!... Na minha infância, os quartéis tinham à entrada o “Si vis pacem para bellum” e os presépios traziam, acima das manjedouras, o anjo que guardava o “Menino”, em que se pedia “glória a Deus”, mas **PAZ**, somente “aos homens de boa vontade”. E havia mais: o tumulto dos cemitérios, nos dias de enterros e de finados, é que davam vida ao “Requiescat in Pacem” de seus portões.

Talvez, isso me tenha marcado, em termos de paz. Pois se ela só se obtém pelas guerras, se o próprio Deus-Menino a restringiu aos homens de boa vontade, e se os cemitérios e os quartéis são seus guardiões, a paz não é um todo, é uma parte, a paz não é uma realidade, é um sonho, a paz não é certeza, é promessa, a paz não é recompensa, é esperança.

*A **PAZ** não se ganha, conquista-se. Logo, temos de lutar por ela. A **PAZ** é mais objetiva do que subjetiva.*

*E é por isso, que, cada vez mais, gosto da **PAZ**, ainda que, no fundo, eu tenha medo dela. Porque, não falta por aí, um desses “desmancha prazeres”, a pregar que só a morte nos dá a eternidade da paz. E o que eu quero mesmo é o tumulto e a preocupação da vida, em paz. Fora da vida, não há paz. Há o silêncio das coisas paradas. E paz, hoje, é agitação. É por ordem na desordem.*

*Por isso, nos dias de Finados, a **PAZ** vira guerra!*

*E os vivos, ao perturbarem nesse dia, a paz dos **mortos**, com aquele “mercado persa” de vozes, flores, velas, coroas, algazarras e vaivéns, o que estão fazendo, sem sabê-lo, é dar-lhes vida.*

*Então, repito: **PAZ** é presença, não é ausência. **PAZ** não é o branco, não é a luz do luar, silenciosa, clara, que inspira, mas não aciona.*

***PAZ** é o arco-íris, enorme, policrômico, misterioso, mas harmônico.
PAZ é a harmonia no desentendimento*

